

ESCOLA, FAMÍLIA E FORMAÇÃO HUMANA: AFINAL, DE QUEM É O “FILHO”?

SCHOOL, FAMILY AND HUMAN FORMATION: AFTER ALL, WHO IS THE “SON” OF?

Alcione de Oliveira Souza¹

Ivone Gonçalves de Sousa²

RESUMO: No intuito de contribuir não só para uma melhor compreensão do que seria, de fato, uma parceria efetiva entre escola e família, o presente artigo se propôs a levantar, junto à literatura, as responsabilidades que costumam ser atribuídas exclusivamente à família e à escola no processo de desenvolvimento humano e escolar do indivíduo, pois se acredita que ao conhecer bem o seu papel, cada uma das instituições poderá exercê-lo de forma mais harmoniosa. Nesse sentido, utilizou-se, como metodologia, a pesquisa bibliográfica interpretativa. Os resultados indicaram que a família, na condição de primeira fonte educadora do indivíduo tem o dever de abrir espaço para os ensinamentos formais que serão disponibilizados pela/na escola, cabendo a esta a preparação para a complexa vida moderna. O que pressupõe responsabilidades exclusivas e cronologicamente determinadas, a fim de possibilitar a continuidade (e complementariedade) necessária de funções a serem exercidas em prol do pleno desenvolvimento do aluno. Dessa forma, concluiu-se pela necessidade de mais pesquisas sobre o assunto, mas com foco no diálogo entre pais e professores, a partir do entendimento real dos limites de suas funções na vida escolar dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Família. Formação humana.

ABSTRACT: In order to contribute not only to a better understanding of what, in fact, an effective partnership between school and family would be like, this article proposed to raise, with the literature, the responsibilities that usually are attributed exclusively to the family and the school in the process of human and school development of the individual, as it is believed that by knowing their role well, each of the institutions will be able to exercise it in a more harmonious way. In this sense, interpretative bibliographic research was used as methodology. The results indicated that the family, as the individual's first source of education, has the duty to open space for the formal teachings that will be made available by / at school, which is responsible for preparing for the complex modern life. This presupposes exclusive and chronologically determined responsibilities, in order to enable the necessary continuity (and complementarity) of functions to be performed in favor of the student's full development. Thus, it was concluded that there is a need for more research on the subject, but with a focus on dialogue between parents and teachers, based on a real understanding of the limits of their functions in the students' school life.

KEYWORDS: School. Family. Human formation.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Docente das Faculdades Prominas de Montes Claros. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2712840528885930> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6766-3824>. E-mail: alcionemoreno@yahoo.com.br.

² Acadêmica do 8º Período do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação Ibituruna (Faculdades Prominas). E-mail: ivonegoncalves@outlook.com

1 INTRODUÇÃO

Embora seja inegável a importância de uma relação harmoniosa entre família e escola para o pleno desenvolvimento de qualquer indivíduo, é comum a escola reclamar da ausência da família na vida escolar do aluno e a família, por outro lado, demonstrar insatisfação com a atuação da escola frente às novas demandas da sociedade atual. O que sugere a necessidade de maiores esclarecimentos sobre as responsabilidades inerentes a cada uma dessas instituições, no sentido de contribuir, efetivamente, na compreensão e promoção de uma parceria pautada na cooperação mútua entre pais e professores, evitando, assim, a sobrecarga de funções.

Pensando nisso, o presente artigo se propôs a levantar, junto à literatura, as responsabilidades que costumam ser atribuídas exclusivamente a cada uma dessas instituições no acompanhamento da vida escolar dos alunos, considerando se tratarem de dois espaços legítimos de aprendizagem.

Para tanto, utilizou-se, como procedimento metodológico, a pesquisa bibliográfica interpretativa, numa abordagem qualitativa de análise, buscando dialogar com autores renomados que trataram do tema em questão. Segundo Gil (2017, p. 28), uma das principais vantagens da pesquisa bibliográfica é “permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Ainda sobre a metodologia utilizada, este estudo pode ser classificado como básico (conforme sua natureza) e exploratório (considerando seus objetivos), visto que pretende, respectivamente, gerar mais subsídios teóricos sobre o assunto tratado, além de compreender melhor um fato social, no caso, a relação escola/família e o papel de cada uma dessas instituições no desenvolvimento escolar dos alunos/filhos.

Nesse sentido, além desta introdução, são apresentadas algumas considerações iniciais sobre tal relação, sendo elencadas e analisadas, a seguir, conforme a literatura consultada, as responsabilidades próprias de cada uma das instituições, a fim de se evidenciarem as vantagens de, tanto uma quanto a outra, conhecerem (para bem exercerem) suas funções exclusivas, como forma de alcançarem uma relação de cooperação e parceria verdadeiras, já que o conhecimento sobre seus limites de ação deve facilitar a identificação (e conseqüente correção) de falhas na interação entre pais e professores.

Por fim, são apresentadas as considerações finais deste estudo, seguidas das referências que nortearam as reflexões levantadas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Considerações iniciais sobre a relação escola/família

Uma série de fatores faz com que a escola consiga exercer o seu papel com qualidade, como o tipo de metodologia aplicada, um bom planejamento e uma boa gestão. Contudo, a participação da família no processo de ensino e aprendizagem dos alunos é fundamental para que ocorra, de fato, a consolidação do trabalho desenvolvido no ambiente escolar.

Por isso, o aprendizado não pode ser (ou estar) restrito à escola, pois a participação dos pais nesse processo é muito relevante, fazendo com que o desempenho dos alunos aconteça de forma mais prazerosa, servindo de incentivo para que os próprios educandos construam seu conhecimento. Afinal, conforme Delors (2005), “o que se vive nos ambientes domésticos é tão importante quanto o que se aprende na escola, visto que se tratam de espaços essencialmente motivadores e estimulantes, cada um à sua maneira, mas ambos em busca de aprendizagens realmente significativas” (DELORS, 2005, p. 196).

Assim, é essencial que pais e professores se unam na busca pelo mesmo objetivo: o pleno desenvolvimento dos seus filhos/alunos. Uma união que deve promover reflexões acerca do que pode ser feito em benefício do aprendizado do aluno. Trata-se de uma forma justa de dividir as tarefas, uma vez que a escola não pode sozinha desempenhar os dois papéis: educar e formar. É o que também defende Parolin (2003):

tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto, ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo (PAROLIN, 2003, p. 99).

Dessa forma, é fundamental que tanto a escola quanto a família conheçam bem os limites de suas funções para que sejam coerentes, transparentes e, acima de tudo,

constantes na sua atuação. Pois, quando há uma interação sadia, em que ambas compartilham informações e descobertas, é surpreendente o ganho na aprendizagem do aluno.

Nesse sentido, Bhering (2003) destaca a educação escolar formal como uma das responsabilidades elementares dos professores, enquanto atribui, aos pais, o dever essencial de assegurar que as crianças estejam prontas para frequentarem a escola, um espaço genuinamente complexo por sua diversidade de costumes, etnias, valores e crenças, e compartilhado por todos.

2.1.1 Responsabilidades da família

É comum encontrarmos alunos que chegam à escola apresentando comportamentos, aprendidos em casa, que dificultam o trabalho do professor. Por outro lado, há também aqueles que já chegam com um nível avançado de letramento, contribuindo muito com o seu desempenho em sala de aula. O que só comprova a influência que a família pode exercer na aprendizagem do aluno. Nesse sentido, Conceição (2005) alerta:

os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva que os impossibilita de obter recursos internos para lidar com situações adversas. Isso gera desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar. A representação que as crianças têm dos pais também pode influenciar diretamente na sua relação com os professores, na medida em que há uma transferência de imagens de uns para os outros. A formação de hábitos de uma criança será sempre o espelho do que ela vivencia em família (CONCEIÇÃO, 2005, p. 75).

Diante disso, Bordignon (2008) destaca que as relações construídas dentro da família, especialmente entre pais e filhos, podem promover (ou não) um desenvolvimento saudável de padrões de socialização que permitam ao indivíduo um bom ajustamento aos diferentes ambientes por onde venha a circular.

Nesse sentido, Sampaio (2009) situa a família entre a cultura e o homem, definindo-a como um organismo social que, ao compartilhar significados, crenças e valores próprios entre seus membros, gera modelos de relação interpessoal, que se somarão aos já existentes nas sociedades, influenciando o comportamento dos indivíduos, especialmente das crianças, que, ao observarem as diferentes formas de existir e ver o mundo constroem os seus próprios relacionamentos.

Para Bock, Furtado e Teixeira (1999), mais do que responsáveis pela qualidade de vida dos filhos, os pais são os primeiros a influenciar na saúde psíquica dos seus filhos, despertando sentimentos que norteiam as relações sociais. Assim, conforme os autores, a função social da família é determinada pelas necessidades sociais, que vão além do dever de prover, mas principalmente de educar as crianças para que “tenham uma moral e valores compatíveis com a cultura em que vivem (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 238).

São inúmeras as transformações significativas pelas quais já passaram (e ainda passam) as famílias. Um exemplo é a longa jornada de trabalho dos pais que se veem obrigados a se afastarem cada vez mais do convívio com os filhos, ausentando-se, conseqüentemente, da vida escolar deles. Um problema que, segundo Marchesi e Gil (2004), acaba por sobrecarregar os professores, que, por fim, ficam estressados, se sentido frustrados, já que não conseguem (e nem poderiam) desempenhar todas as tarefas relacionadas ao pleno desenvolvimento do indivíduo.

Firman, Santana e Ramos (2015) também ressalta a importância de uma relação familiar harmoniosa na formação dos indivíduos, pois faz com que estes se sintam amparados e motivados a avançarem por novos aprendizados. Assim,

quando a família se mostra preocupada e interessada com a aprendizagem de seu filho, auxilia e estimula para que a aprendizagem seja de qualidade e desperta na criança o desejo de descobrir novos conhecimentos. Mas, pelo contrário, quando uma educação familiar com a formação cultural, social, e econômica desestruturada ocorre, pode apresentar na criança dificuldades de aprendizagem e/ou indisciplinadas (FIRMAN; SANTANA; RAMOS, 2015, p. 129).

É o que também ressalta Maldonado (1997, p. 11): “por falta de um contato mais próximo e afetivo, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se refletem em casa e quase sempre também na escola em termos de indisciplina e de baixo rendimento escolar” (MALDONADO, 1997, p. 11).

Por isso é tão importante que os pais deem bons exemplos. Haja vista que o modelo familiar costuma ser seguido e copiado em vários aspectos, exigindo assim uma compreensão mais abrangente de que a escola apenas complementa aquilo que a criança já traz consigo de casa, sendo de inteira responsabilidade dos pais a construção da base psíquica dos filhos, através dos primeiros princípios compartilhados.

O acompanhamento dos pais, de acordo com Paro (2000, p. 14), “é um valor cultural que precisa ser permanentemente cultivado, começando nos primeiros anos de

vida, com estímulos durante a infância e a adolescência”. E mesmo no caso dos pais que, por falta de oportunidades, não foram letrados e/ou alfabetizados, quando a vontade de participar e ajudar é maior que os medos, é possível passar confiança aos filhos, não permitindo que eles sejam desencorajados.

Segundo Fernandes (2001, p. 42), “as crianças percebem quando estão sendo acompanhadas pelos pais (ou responsáveis), especialmente no ambiente escolar, o que faz com que se sintam mais seguras e preparadas para a vida intelectual”. Nesse sentido, é lamentável a percepção de que as famílias vêm abdicando cada vez mais de suas responsabilidades no âmbito educativo, forçando situações em que a escola tenha que ocupar o seu lugar.

2.1.2 Responsabilidades da escola

A escola é descrita por vários autores (OLIVEIRA, 2000; MARQUES, 2002; PAROLIN, 2003; DELORS, 2005, dentre outros) como um espaço físico, social e multicultural, onde se reúnem (e interagem continuamente) indivíduos, em diferentes estágios de desenvolvimento, com capacidades, conhecimentos e valores diversos.

Trata-se, portanto, de uma instituição fundamental não só para a constituição do indivíduo, mas também para a evolução da sociedade humana, já que costuma refletir, além das transformações históricas em andamento, as diferentes formas de como lidar com as demandas do mundo atual.

Diante disso, Toro (2002) destaca, como uma das tarefas mais importantes da escola, a promoção de um convívio harmonioso e cooperativo entre pais e professores, a fim de formar “jovens capazes de criar, em cooperação com os demais, uma ordem social na qual todos possam viver com dignidade” (TORO, 2002, p. 25), atendendo, assim, a um projeto de sociedade como um todo.

Nessa perspectiva, Marques (2002) elenca três objetivos fundamentais que devem ser buscados pelas escolas modernas, no sentido de estimular e desenvolver o potencial do aluno, a saber:

- (a) estimular e fomentar o desenvolvimento em níveis físico, afetivo, moral, cognitivo, de personalidade;
- (b) desenvolver a consciência cidadã e a capacidade de intervenção no âmbito social;
- (c) promover uma aprendizagem de forma contínua, propiciando, ao aluno, formas diversificadas de aprender e condições de inserção no mercado de trabalho. (MARQUES, 2002, p. 3).

Objetivos que, conforme Marques (2002), evidenciam a importância do professor como mediador, ao elaborar, propor e implementar atividades didáticas que estejam ligadas aos domínios motor, cognitivo, social e afetivo, e integradas à vida pessoal do aluno.

Além disso, conforme Reali e Tancredi (2005), “a escola tem a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos pela humanidade e valorizados pela sociedade em um dado momento histórico, de ampliar as possibilidades de convivência social e de legitimar uma ordem social” (REALI; TANCREDI, 2005, p. 240). No entanto, “parece ter dificuldade de aceitar as alterações sociais e familiares e de incorporar as novas demandas da sociedade no desenvolvimento de seus papéis e de seu trabalho, embora esse processo de mudança não seja tão recente”.

Nesse sentido, Paro (2000) destaca, como uma das possíveis origens do problema, a “falta de habilidade dos professores para promoverem essa comunicação” (PARO, 2000, p. 68), remetendo-se assim à formação humana desses profissionais, já que as crenças que eles constroem ao longo da vida acabam por influenciar suas práticas pedagógicas, bem como o contato que estabelecem com os alunos e seus familiares.

Reali e Tancredi (2005, p. 240-241) alertam também para a importância de o professor não apenas conhecer, mas também compreender a diversidade própria da natureza humana, começando pelos aspectos socioculturais que envolvem seus alunos e suas respectivas famílias.

Dessa forma, Reali e Tancredi (2005, p. 240) defendem a necessidade de os professores construírem “novos conhecimentos sobre os alunos e suas famílias para que possam realizar um ensino voltado para a aprendizagem de todos os estudantes”. O que, segundo eles, implica:

compreender as diferenças - derivadas da cultura, da linguagem, da organização e dos valores das famílias, da comunidade, do gênero, da escolarização anterior, entre outras - que forjam as experiências pessoais dos seus alunos, pois isso pode auxiliá-los a construir modos mais eficazes de atuação. Isso só é possível se houver uma aproximação entre estas agências socializadoras. (REALI; TANCREDI, 2005, p. 241)

Quanto à postura do professor, Sousa e José Filho (2008, p. 6) atentam para a necessidade de se reconhecer que “o sistema regente da conduta infantil nem sempre coincide com a conduta do adulto e nem sempre se baseia nos mesmos valores”. Ou

seja, ainda que seja muito comum a influência das características da família na formação da personalidade da criança, o professor não deve tomar isso como uma regra e respeitar a individualidade de seus alunos. Afinal, desde muito pequenos, eles já “constroem sua própria noção de certo e errado (SOUSA; JOSÉ FILHO, 2008, p. 6).

Nesse sentido, Sousa e José Filho (2008) destacam o papel significativo do professor no processo de aprendizagem, pois “deve perceber os alunos nos diferentes momentos deste processo e, cooperativamente, responder para que os mesmos evoluam rumo ao alcance de um nível mais elevado do conhecimento”, colocando-se como um “mediador competente entre o aluno e o conhecimento, tendo a possibilidade de criar situações de aprendizagens e provocar o desafio intelectual” (SOUSA; JOSÉ FILHO, 2008, p. 6).

2.1.3 A importância de uma parceria entre a família e a escola

A literatura consultada confirma que tanto a família tem interesse em participar do processo educativo quanto a escola gostaria de inserir a família nesse processo. Contudo, segundo Paro (2000, p. 65), “parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais, daquilo que é transmitido na escola, e, por outro lado, uma falta de habilidade dos professores para promoverem essa comunicação”.

Diante de tal realidade, Reis (2007, p. 6) defende que “nunca foi tão necessário o diálogo entre escola, pais e filhos”, haja vista que, mesmo sofrendo tantas transformações, a família continua sendo responsável por seus membros, devendo sempre buscar mecanismos para se adaptar às demandas da vida atual sem fugir do seu papel inerente de educar.

Portanto, é necessário, segundo Tavares e Nogueira (2013, p. 54), “que os pais tenham um espaço para expor suas ideias e ouvir os professores”, que devem também “se expressar e respeitar os pensamentos dos pais”. Para os autores, “a cooperação consiste em que um se coloque no lugar do outro, em que família e escola se reconheçam como parceiras, como agentes de uma mesma ação: a educação” (TAVARES; NOGUEIRA, 2013, p. 54).

Brambatti (2010) ressalva que, quando falta ao aluno um ambiente familiar saudável e equilibrado, ele se deixa levar pelo impulso em direção à irresponsabilidade e/ou inconsequência, gerando ações inadequadas que, inevitavelmente acabam por desorganizar e prejudicar a formação do seu caráter e da sua personalidade. O que é

ratificado pela analogia criada por Lacam (1980), *apud* Bock, Furtando e Teixeira (1999, p. 143): “a importância da primeira educação é tão grande na formação da pessoa que podemos compará-la ao alicerce da construção de uma casa. Depois, ao longo da sua vida, virão novas experiências que continuarão a construir a casa/indivíduo, relativizando o poder da família”.

Nesse sentido, Tiba (1996, p.140) acrescenta: “o ambiente escolar deve ser de uma instituição que complemente o ambiente familiar do educando, devendo ser ambos agradáveis e geradores de afetos. A família e a escola devem ter, assim, princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno”. Ou seja, a formação de valores deve ser contemplada por ambas as instituições, não devendo a escola visar apenas à construção do conhecimento.

Para tanto, Mello (2008) destaca a necessidade de uma maior aproximação da escola com a realidade do aluno e da própria comunidade na qual ele está inserido, sendo:

importantíssima a conscientização de que a relação entre escola/família/sociedade deve ser alvo de uma transformação contínua, que influencia os modelos vigentes de educação, de escola e de sociedade. E o apoio familiar pode proporcionar ao indivíduo uma estrutura equilibrada e sadia, para crescer e tornar-se um cidadão consciente de seu papel na sociedade. (MELLO, 2008, p. 13)

Nessa perspectiva, é possível antever que, no momento em que escola e família conseguirem estabelecer uma parceria na tentativa de promover a educação de seus alunos/filhos, muitos dos conflitos hoje observados em sala de aula poderão ser aos poucos superados. Todavia, para que isso aconteça, é imprescindível que a família realmente ajude a escola, participando mais ativamente da vida escolar de seus filhos.

Vários teóricos, como Marques (2002), Costa (2003) e Fonseca (2003) têm demonstrado os benefícios da integração família e escola, particularmente, quando o projeto pedagógico da escola abre espaço para a participação familiar e reconhece os papéis diferenciados de ambas no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

No entanto, Carneiro (2003) ressalta que tal mudança de paradigma depende de uma transformação na cultura vigente da escola, já que “as formas de avaliação adotadas, bem como as estratégias para incluir a família, exigem que as escolas insiram

essa discussão no projeto pedagógico, como forma de assegurar a sua compreensão e efetivar a participação dos pais” (CARNEIRO, 2003, p. 59).

Além disso, segundo Dessen e Polônia (2007), o conhecimento dos valores e práticas educativas que são adotadas em casa, e que se refletem no âmbito escolar e vice-versa, são imprescindíveis para manter a continuidade das ações entre a família e a escola. Sendo assim, as escolas devem procurar inserir no seu projeto pedagógico um espaço para valorizar, reconhecer e trabalhar as práticas educativas familiares e utilizá-las como recurso importante nos processos de aprendizagem dos alunos.

Segundo Firman, Santana e Ramos (2015),

quanto mais os pais demonstram interesse pela vida escolar de seus filhos, mais a educação dos mesmos, em termos de ambiente escolar, se torna eficiente. O contrário também é verdadeiro, pois quanto maiores são as possibilidades em si de aprendizagem pela criança, maiores serão os conhecimentos que ela pode construir e, conseqüentemente, melhores e maiores serão os mecanismos de relacionamento no ambiente familiar. Constrói-se assim, vias de interconexão entre o ambiente familiar e o ambiente escolar que tendem a auxiliar os dois nos papéis específicos que cabem a cada um (FIRMAN; SANTANA; RAMOS, 2015, p. 124).

Dessa forma, é de fundamental importância que uma boa comunicação seja estabelecida entre a família e a escola, no sentido de que se construa uma parceria realmente pautada na cooperação, a partir da confiança recíproca e do respeito mútuo, aprimorando assim o processo de ensino e aprendizagem e a formação integral da criança.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada, foi possível constatar que, de fato, existem, além das responsabilidades que devem ser compartilhadas entre a família e a escola, aquelas que são exclusivas de cada uma das instituições. Afinal, a plena formação do indivíduo depende tanto das ações dos pais no ambiente familiar, como as da escola em sua tarefa de abrir os “horizontes” sociais do aluno. Por isso, a necessidade cada vez mais evidente de a escola buscar, ao lado da família, a construção de um discurso consciente, coerente e articulado, haja vista que a vida do aluno na escola não pode estar desvinculada da sua vida em família.

Contudo, apesar de todos os benefícios da parceria Escola/Família – afirmada e confirmada pela literatura pesquisada – muitas famílias ainda costumam delegar à

escola algumas de suas responsabilidades, como, por exemplo, a educação de valores e princípios; seja por não conhecerem suas próprias obrigações, seja por ignorarem o verdadeiro papel da escola na vida do indivíduo. O que, inevitavelmente, acaba comprometendo o cumprimento das funções de cada instituição, gerando, assim, a sobrecarga dos professores, que se veem obrigados a suprir a falta da família na formação do aluno.

Por isso, apesar da existência de uma vasta literatura sobre o tema, conclui-se pela necessidade de outras pesquisas que foquem em estratégias de aproximação entre a família e a escola, a partir da identificação e compreensão não só das responsabilidades que devem ser compartilhadas entre elas, mas, principalmente, das responsabilidades exclusivas de cada uma, além dos fatores que dificultam essa interação (cooperação), promovendo, assim, o diálogo necessário para ajudar a melhorar tanto os resultados individuais dos alunos, como também os índices educacionais do nosso país.

Portanto, respondendo à pergunta levantada pelo título deste estudo, é possível reafirmar que, apesar das transformações sofridas pela sociedade, o “filho” continua sendo (e sempre será) da família, tendo a escola como parceira no processo educativo e formativo do filho/aluno/cidadão.

REFERÊNCIAS

BHERING, E. Percepções de pais e professores sobre o envolvimento dos pais na educação infantil e ensino fundamental. **Contrapontos**, v.3, n. 3, 2003.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L.T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 1999.

BORDIGNON, D. M. B. As conexões da não-aprendizagem com a família. In: PORTELLA, F. O.; FRANCESCHINI, I. S. (Orgs.). **Família e Aprendizagem**: uma relação necessária. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2008.

BRAMBATTI, F.F. **A importância da família na educação de seus filhos com dificuldades de aprendizagem escolar sob a ótica da psicopedagogia**. v.5, n.10, Janeiro - Junho 2010. Disponível em: http://www.ideau.com.br/upload/artigos/art_57.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.

CARNEIRO, M. A. **LDB fácil**: Leitura crítico-compreensiva artigo a artigo. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CONCEIÇÃO, P. R. Família x Escola: o mito. In: ANTONINO, E.; VIGAS, M. C.; PEIXOTO, M. F. **Ação psicopedagógica**: uma contribuição para a construção do conhecimento. Salvador-BA: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia-Fundação Cidade Mãe, 2005.

COSTA, J. A. Projetos educativos das escolas: um contributo para a sua (des) construção. **Educação e Sociedade**, 24, 1319-1340, 2003.

DELORS, J, (ORG). **Educação para o século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DESSEN, M. A.; POLÔNIA, A. da C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, vol.17, n.36, Ribeirão Preto Jan./Apr. 2007.

FERNANDES, A. **O saber em jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FIRMAN, J. A. de A.; SANTANA, S. C. R.; RAMOS, M. L. A importância da família junto à escola no aprendizado forma das crianças. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 12, n. 3, p.123-133, jul/set, 2015.

FONSECA, M. Projeto político pedagógico e o Plano de Desenvolvimento da Escola: duas concepções antagônicas de gestão escolar. **Cadernos do CEDES**, 23, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. São Paulo: Saraiva, 1997.

MARCHESI, A; GIL, H. C. **Fracasso Escolar** - uma perspectiva multicultural. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

MARQUES, R. **O envolvimento das famílias no processo educativo: Resultados de um estudo em cinco países**. Porto, Portugal, 2002. Disponível em: <http://www.eses.pt/usr/Ramiro/Texto.htm>. Acesso em: 16 de abril de 2020.

MELLO, C. O. A família como espaço de aprendizagem: o ponto de vista do atendimento individual. In: PORTELLA, F. O.; FRANCESCHINI, I. S. (Orgs.). **Família e Aprendizagem: uma relação necessária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak editora, 2008.

OLIVEIRA, Z. M. R. Interações sociais e desenvolvimento: A perspectiva sócio-histórica. **Caderno do CEDES**, 20, 62-77, 2000.

PARO, V. H. **Qualidade do ensino: A contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000.

PAROLIN, I. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Fortaleza: Educar Soluções, 2003.

REALI, A. M. M. R.; TANCREDI, R. M. S. P. **A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva**. *Paidéia*, 15 (31), p. 239-247, 2005.

REIS, R. P. In. **Mundo Jovem**, nº. 373. Fev. 2007.

SAMPAIO, S. **Dificuldades de aprendizagem: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2009.

SOUSA, A. P. de; JOSÉ FILHO, M. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.º 44. jan. de 2008.

TAVARES, C. M. M.; NOGUEIRA, M. O. Relação família-escola: possibilidades e desafios para a construção de uma parceria. **Revista Formação@Docente** (Belo Horizonte), vol. 5, n. 1, p. 43- 57, jan/jun 2013.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.

TORO, B. O que os novos pensadores têm a ensinar. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Agosto. Ano 17. n.154, agosto, 2002.